



O LEÃO E A LEOA.

Ruge o feroz leão, duro monarcha,  
Que funda no terror seu sceptro e throno.

.....  
Mas é nobre e magnanimo mil vezes,  
E' symbolo d'heroes, deixa o vencido,  
E só no que resiste emprega a sanha.

P.º MACEDO. *Meditaç.* Cant. 3.º

Não obstante ser animal carniceiro, e para assim dizer-mos um enorme gato, a cuja tribu pertence, é reputado o leão o rei dos animaes. Esta supre-

MAIO 20 — 1843.

macia data dos tempos, em que a força, o animo, e a faculdade de disseminar assombro e espanto, eram consideradas as qualidades mais excellentes no individuo; e semelhante persuasão tradicionalmente transmittida, de mistura com fabulas enxertadas ás vezes em factos, mantiveram o titulo áquelle mamifero carnivoro, classe em que por seus habitos o arrumaram os naturalistas. Se a preferencia, como devêra ser, fôra dada á brandura sem fraqueza, e ao instincto que dá visos de raciocinio, a soberania das selvas fôra de duvida pertencêra

2.ª SERIE. — VOL. II.

ao elephante, que até tem physicamente a seu favor a desmedida corpulencia: pelo lado da utilidade para o homem, ingrato seria este se lh'a disputasse. Mas nem sequer em cathogorias de brutos animaes leva a palma o que mais a merece. Todavia, se meramente attendermos aos carnivoros, de direito será d'entre elles o leão o imperante, pela robustez e porte, e porque é sobrio, ás vezes generoso, e n'alguns casos tem provado affeição, e conhecimento de beneficios. Veja-se o que em o n.º 61 da serie presente dissemos, comparando-o ao tigre sanguinoso.

É originario dos tismados desertos d'Africa e da Asia; os africanos são maiores. Ha-os de nove a doze palmos de comprido; mas a sua mais commum estatura não passa de metade desta medida: é vividouro, alguns tem chegado a 70 annos, apesar de muitos de captiveiro. Não é só forte; tambem muito agil. Tem a espaçosa cabeça adornada de uma juba, ou clina basta, de que a leóa é desprovida; scintillam-lhe ferozmente os olhos, que nas trevas reluzem como de gato ou raposo; tem a lingua armada de bicos asperrimos: o pello da parte posterior do corpo é curto e sedeúdo; termina a cauda em borla: a côr é de ordinario fouveira: medonha é a sua voz e quando rugge embrenhado em serras parece ouvir-se o echo de trovoadas remotas. Exceptuados o elephante, o rhinocerote, o tigre, e o cavallo marinho, nenhum animal prova com elle valentias. — A leóa é menor uma quarta parte em todas as dimensões; postoque mais fraca excede o macho em ferocidade quando no covil é assaltada, ou lhe perseguem os filhos; anda prenhe cinco mezes, e pare em sitios intrataveis, usando da astucia de varrer o chão com a cauda para apagar as pégadas: se qualquer perigo instante sobrevem, logo muda de cova. Pela prole combate desesperadamente até a morte, donde veio a phrase proverbial de *leóa embravecida*. Ficaremos aqui porque assaz tratámos desta casta de feras a pag. 97 e 135 desta publicação.

#### DE JERSEY A GRANVILLE.

#### II.

(Continuado de pag. 133.)

O TEMPORAL que se preparára durante a tarde desfechou em cima de nós com o cerrar da noite. O vento saltára inteiramente ao sul, de modo que nos ficava ponteiro. As vagas accumulavam-se em serras, que alçando-se e topando em cheio, se enlaçavam e confundiam como dois luctadores furiosos. Depois a mais possante, sumindo debaixo de si o grande vulto da sua contrária, erguia o topo esguio, que vacillava um instante, e cabia desfeito em catadupas de escuma nos valles profundos cavados momentaneamente em volta della. O embate daquelles vagalhões gigantes, em pé sobre o abysmo das aguas, estreitando-se e despedaçando-se como as hyenas e tigres n'um circo romano, visto ao lusco-fusco sob um céu achatado e cinzento, era uma sublime pejeja! Todos os espectaculos da terra — dos homens ou da natureza — que são, ou que valem, comparados com a colera da procella que passa no oceano? Menos que farça estúpida de titeres comparada com o Hamlet ou com o Othelo representados por Betterton ou por Garrick. O mysterio dos mares

é de todas as obras da creação aquella em que mais profundamente o Senhor estampou o seu verbo; a inscripção indelevel e incontestavel, que narrará perpetuamente ao genero humano o seu infinito poder.

O chasse-marée se havia posto á capa. O vento não consentia já que surdissemos avante, e o arraes, depois de uma breve conferencia á prôa com o seu companheiro, veio declarar-nos que seria impossivel seguir o rumo de Saint-Maló; — que era necessario pôr a prôa nas costas da Normandia, e dirigirmo-nos a Granville; — e finalmente, que só aqui poderíamos tocar em terra na manha seguinte. Recebemos esta desagradavel nova com mais heroica resignação, se é possivel, que a de Mr. Graham junior ao levar a sova poetica das inspirações fraternas. E que não nos resignassemos! A immutabilidade do nosso destino proclamavam-na os silvos do vento, e o que mais era, a declaração do arraes. Um capitão de qualquer baixel é o absolutismo incarnado: as suas decisões equivalem a fatalidade moslemica. Em muitos sermões politicos, que é a especie mais impertinente do genero litterario — sermão — tenho lido comparações fulminantes contra os tyrannos, buscadas no despotismo asiatico. Se eu cahisse na miseria de fazer eloquencia politica, não ia tão longe busca-las. — Saltava no primeiro hiate, chasse-marée, ou Sloop, e travando do arraes dizia ao mundo: — *ecce homo*; — eis-aqui a flôr, a maravilha, o ideal de todos os despotismos possiveis. Os que andam incommodando Attila, Koulikan, ou Timur, para afferir por elles os tyrannêtes quasi-ridiculos da Europa moderna, são dissertadores d'agua-doce, que [para me servir d'uma phrase do auctor de Micer Harold] nunca poseram a mão sobre a juba crespa do oceano. Tyrannia e arraes são synonymos: — digam o que quizerem os extirpadores implacaveis das synonymias.

Maitre Jean Legris, era um verdadeiro arraes normando: duro, carrancudo, e inexoravel como os piratas do seculo 12.º seus antepassados, de que tão pavorosas memorias restam nas costas de Portugal e de Galliza. Ouvimo-lo com magoa, mas com respeito, porque não havia replicar. O chasse-marée obedecia ao leme, o leme ao marinheiro, o marinheiro ao capitão, e o capitão pactuando com o vento, resolvêra empalmar-nos Saint-Maló e a Bretanha, para nos dar em trôco Granville e a Normandia. Por isso antes de nos communicar as suas intenções, mestre João tinha dado a pópa á tempestade e tomado o rumo de leste. Contava d'antemão com a obediencia, que não lhe podiamos recusar.

Emfim anoitecêra: a unica luz que viamos nas campinas do céu e das aguas era aquella especie de branquejar phantastico e transitorio da escuma, que é para o luar o que um retrato de morte-côr para um vulto original — menos que frouxissima claridade e mais que o crepusculo esbranquiçado e indeciso de um corpo alvo e que mal se divisa no meio das trévas. O chasse-marée galgando por cima das ondas, no meio do reflexo dellas, devia parecer, visto de longe, um baixel mysterioso e infernal perseguido por espectros que surgiam successivamente dos abysmos, e em roda delle dançavam danças maldictas, involtos em seus alvos sudarios.

Bem importavam a Mr. Graham, o fraticida psychologico, aquellas solemnes tristezas de uma noite procellosa! Tirou um frasquinho de aguardente que trazia a tiracollo, bebeu um largo trago, e alevantou-se dirigindo-se á escotilha da especie de camara que nos ficava debaixo do tombadilho. Era um pi-

nheiro! Quando o vi em pé receci que o sul o partisse; mas nem sequer rangeu. Se me não mente um calculo rapido, Mr. Graham era, ao menos physicamente, um poeta da força de oitenta cavallos, medida britannica: era um poeta de alta pressão: era um poeta *warranted*, para me exprimir como os laconicos letreiros de todas as peças de fazendas inglezas falsificadas. Mr. Graham junior seguiu Mr. Graham senior, *non passibus aequis*, como mais curto que era. Ouvimos lá embaixo ainda dois ou tres regougos: depois tudo cahiu de novo em silencio.

O velho que se me encostára sobre os joelhos apenas viu os seus dois compatriotas buscarem acolheita para a noite, ergueu-se, e cambaleando chegou á ingreme escada que conduzia á estreita camara. Poz um pé no primeiro degráu; poz o outro no segundo; tornou a pôr aquelle no ar, e disse com o corpo no fundo — pan!

Era o som d'um *cash* de cerveja cahindo de vinte pés d'altura. Ouviu-se-lhe um grito rouco e mais dois grunhidos dos seus respeitaveis patricios. Tinha arreventado o saxonio, ou espalmado o poeta? Talvez ambas as cousas. Corremos a acudir-lhes levados pelo primeiro impulso de humanidade. Os primeiros impulsos nestes casos não prestam nem para Deus, nem para o diabo, porque são estupidamente involuntarios. Seja isto dito, com paz do leitor, como desculpa da nossa caridade e como descargo de consciencia nacional.

Para clareza desta importante narração é de saber que apenas viráramos de rumo o marinheiro substituíra o grumete no governo do leme, como ministro responsavel de mestre João, e o grumete fôra assentar-se á prôa no lugar que deixára o seu successor, exactamente como um ministro dimittido que vai tomar assento nos bancos da opposição. D'alli olhava para o tombadilho, fazendo a segunda com um assobiar monotono ao bramido do vento.

Chegámos dois ou tres á escotilha onde soára o baque do velho. Iamos a descer, a risco de nos despenharmos tambem, quando a cabeça de Mr. Graham senior começou a surgir como uma visão de Manfredo:

*What dost thou see? —*

*I see a dusk and awful figure rise.*

À luz da bitacola, que enviava um raio frouxo ao rosto do grumete, o poeta acenou-lhe que se approximasse, sem se dignar sequer de olhar para nós humildes creaturas, que havíamos parado em roda de Sua Grandeza.

O rapaz chegou-se a Mr. Graham.

«*Brandy!* (\*) — rosnou este com o aspecto temerosamente carrancudo e imperativo de um Nelson dando a ordem de *accommetter* na batalha de Trafalgar. — Dizendo e fazendo, mostrava o seu frasco de aguardente virado de boca para baixo. O rapaz poz-se de novo a assobiar.

Nós então ousámos perguntar a Sua Extensão se porventura succedêra algum fracasso aos seus compatriotas. Elle lançou-nos um olhar obliquo, e em voz mais alta bradou ao grumete:

«*Rhum!*»

«Não ha: — respondeu o rapaz entre dois assobios.»

«*Bring rhum, boy!* — insistiu o cantor da Temperança, já colerico, e fazendo-se desentendido.»

(\*) Aguardente.

*Chien d'anglais*, não percebes? . . . exclamou o grumete na sua lingua nativa, com um gesto de impaciencia; — e accrescentou voltando-se para nós: — Que diz este diabo?

«Que lhe ponhas para alli cachaça: — ia eu a dizer, paraphraseando em francez os tres monosyllabos britannicos, quando fui interrompido por um mugido, subito, incisivo, retumbante, que sobrelevou o rugir da tempestade. Soltára-o Mr. Graham, que, cerrando os punhos com todos os ademanos de um professor de sócco, crescia já para o pobre grumete, o qual avaliára erradamente a linguistica do poeta. Elle percebêra ás mil maravilhas as duas personalidades de *cão* e *diabo*, que ousára dirigir-lhe o imberbe e enfarruscado normando.

Felizmente para este uma onda, galgando exactamente nesse momento a pópa, veio lavar o tombadilho, e um forte balanço, fazendo perder o equilibrio ao filho da Gran-Bretanha, o estendeu ao comprido na agua que passava em demanda da prôa, com grave perigo do precioso manuscripto do casação. Estirado sobre a tilhá do *chasse-marée*, e coleando e bufando para se alevantar, Mr. Graham representava soffrivelmente o papel de um congrotirado naquelle instante do mar. Quando elle, emfim, pôde concluir o plagiato que fizera ao tombo do seu velho compatriota, o grumete se havia já retirado ao anterior posto, sobre os escovens, e continuava o seu acompanhamento de assobio ao estrepitar do vento.

Mr. Graham meditou um momento. Parece que o abalo da quédia e a frescura da agua lhe modificaram poderosamente o orgão da *combatividade*; — porque sem dizer palavra desceu outra vez para a limitada camara da fragil embarcação.

Este incidente, que passára com grande rapidez, podia ter dado motivo a uma seria desavença entre o arraes e o poeta, porque mestre João mostrava-se demasiado cioso da propria auctoridade para consentir que um dos seus subditos fosse punido por haver recusado uma cousa que talvez não houvesse realmente a bordo, e por ter dito duas verdades duras a um conterraneo dos nevoeiros e dos *beefsteaks*. Mas porque não se exprimiu Mr. Graham de modo que o grumete o entendesse? Como imaginou elle que o pobre rapaz podesse perceber os seus tres monosyllabicos grunhidos? É que o orgulho e o patriotismo britannico andam aninhados em tudo. O que nos outros paizes se olha como um primor d'educação, em Inglaterra é uma indecencia. Um inglez parece envergonhar-se de saber algum idioma estranho, e muito mais o francez, que nos paizes continentaes não é permittido ignorar a qualquer individuo medianamente instruido.

A lingua franceza, pela sua simplicidade, regular sintaxe, determinada prosodia, e mais circumstancias que a tornam facil para os estrangeiros, tem obtido uma certa universalidade, que a vai convertendo, por assim dizer, em lingua geral, principalmente na Europa. Este predominio da lingua franceza deve ter talvez n'um remoto futuro graves consequencias politicas. É por essa rasão, que aos inglezes doe excessivamente tal predominio. Primeira nação do mundo como potencia material; representando nos tempos modernos uma imagem da antiga Roma, a Inglaterra soffre de máu-grado o ser intellectualmente inferior á Alemanha e á França. A influencia moral que pelos seus livros esta ultima exercita na Europa, nomeadamente nos paizes occidentaes, tende a augmentar ahí a sua influen-

cia social, na razão directa do progresso de civilização desses paizes. A França actua pelas idéas, em quanto a Inglaterra o faz pelas esquadras: mas a acção das idéas cria a similhaça de crenças, de costumes, e de affectos, em quanto o temor das esquadras, o apparatus do poder, as insolencias do forte contra o fraco só geram odios fundos, que se vão legando de paes a filhos; que se vão accumulando no thesouro commum das gerações que vem surgindo. Estes odios são um incendio que lavra, e que pôde abraçar a Inglaterra n'um desses dias aziagos, que amanhecem para as nações como para as familias. Uma crise basta para perder o Reino Unido, e esta crise é facil n'um corpo moral cuja physiologia é monstruosa e antinomica. A Gran-Bretanha deve saber que os ecchos do continente repetem de continuo a grande voz do povo, que em mais de um paiz murmura aquelle terrivel verso do poeta italiano:

*Siam' servi, si: — ma servi ognor frementi!*

Ninguem como os inglezes tem o instincto da vida politica. N'uns este instincto é ajudado pelo raciocinio, n'outros pelo orgulho nacional. A Inglaterra desejára tirar á França as influencias intellectuaes: para isto fóra necessario generalisar a propria lingua. Ahi é que bate o impossivel. Entretanto o inglez vai fallando inglez na terra e nos mares, quer o entendam, quer não, e só em casos desesperados recorre a algum idioma estranho, não sem o torcer, estafar e mutilar, com toda a barbaridade de um verdadeiro Kimbri. É uma teima perpetua entre a Europa e a Gran-Bretanha:

«O mundo a porfiar que os bretões grunhem;  
«E os bretões a teimar que o mundo mente.

Aquelle caso de Mr. Graham fóra mais um capitulo desta polemica eterna.

Nós os portuguezes pensámos então em buscar uma guarida para passarmos a noite, porque algumas pingas grossas de chuva nos annunciavam um aguaceiro imminente. Dirigimo-nos a mestre João, que nos declarou cathegoricamente ser impossivel dar-nos entrada na tóca miseravel a que elle tivera a ousadia de pôr o nome de camara; e isto pela razão composta de que os tres inglezes a occupavam inteiramente, e não podiam ser d'alli expulsos, tendo pago trinta shellins por cabeça, em quanto nós pagáramos só vinte. O argumento era de uma solidez irreprehensivel. Pedimos-lhe todavia humildemente nos declarasse em que sitio nos poderíamos resguardar da agua do mar e do céu; porque se houvessemos pertendido passar a nado de Jersey para França escusáramos ter-lhe pago a malaventurada capitacão d'uma libra esterlina, que nos fazia descer na escala social dez shellings ou dez furos abaixo dos tres inglezes.

Os selvagens teem mais que os homens civilizados a eloquencia do gesto, e o bom do normando, forçoso é confessa-lo, dava todos os indicios de verdadeiro botocudo. Tomando a postura sublime de um *seekoenig*, o rei do mar, dos antigos sagas da Islandia, e com um — *lá!* — que podia fazer ainda mui decente papel ao lado do — *qu'il mourut* — de Corneille; o arraes, especie de Buonaparte junto ás Pyramides, nos apontava para a escotilha d'avante — a escotilha da boca do porão — e parecia dizer-nos no seu gesto mudo: — Abiquarenta dores rheumaticas vos esperam! — Melhor era isso, com-tudo, que amanhecer inteiriçados sobre a tolda; e

assim, dando-nos por avisados, arremettemos com o abysmo.

Escada não a havia; e as trévas interiores não eram menos densas que as trévas exteriores, de que resa a Biblia, onde ha o choro e o ranger de dentes. A altura, porem, não devia ser grande. Como os cavalleiros do Palmeirim d'Inglaterra cada um de nós se encommendou á dama dos seus pensamentos, e do modo que pôde desceu áquella especie de *bolgia* dantesca.

O chasse-marée destinado a transportar gado de França para as ilhas do Canal, ia em lastro, e o lastro era d'areia. Se não fossem os terriveis balanços da embarcação, a pocilga em que nos achavamos podia passar ao tacto, unico sentido de utilidade naquella situação, por uma praia deserta. Depois de apalparmos por largo tempo em volta de nós achámos por fim uma velia, e alguns cabos, lançados para uma extremidade do areal fluctuante. Ao menos tínhamos um leito, se não mais macio, ao menos mais enxuto que esse com que já contavamos. Uma pouca d'areia humida por pavimento, algumas braças de lona por leito, e por agasalho e cobertura a tolda d'um miseravel barco eram, com as trévas que nos rodeavam nesse momento, toda a nossa consolação e abrigo.

Se este capitulo de um pobre livro de recordações, tão humildes e obscuras como seu auctor, passar ante os olhos do major C. (\*) elle ha-de por certo lembrar-se de que essa noite foi uma das bem dolorosas e tristes da sua larga vida de soffrimento e abnegação — da sua vida de honesto e valente soldado. Padecimentos antigos haviam crescido com os trabalhos e estreitezas do desterro, e posto que o seu animo de ferro lhe não consentisse o soltar um só queixume, o incendio lavrava lá dentro, e a dôr que não podia subjugar-lhe o espirito, ás vezes se lhe revelava no gesto confrangido. O seu estado gerava em nós, que sinceramente o amavamos, serios receios. Mas como o padecer se não traduzia em gemidos, no meio da escuridão, e entretidos com a scena ridicula do poeta da temperança e da aguardente, haviamos-nos persuadido de que esse padecimento diminuiria consideravelmente.

Deitados em cima da vella convertida em colchão, os meus companheiros breve adormeceram. Quando a consciencia está tranquilla a mocidade encontra facilmente o repouso ainda no mais duro leito. Só eu vele; porque lhes levava uma vantagem — talvez antes desvantagem — uma imaginação mais ardente. O major C. tambem parecia dormir.

Achava-me finalmente só!

Havia muito que para mim não existia a vida íntima senão no silencio da noite. O dia, esse passava-o como embriagado na agitação tumultuosa de peregrino, vendo fugir por ante os olhos, na terra e nos mares, os quadros e as scenas de uma natureza e de uma sociedade diversas daquellas que me tinham cercado na infancia e na primeira juventude. Era de noite que a imagem da patria, terribilissima de saudades, se me assentava como um pesadello sobre o coração, e me expremia delle bem amargas lagrymas! Aos vinte annos a nossa alma viçosa e virgem tem affectos para derramar com mão larga por tudo o que nasceu e cresceu junto de nós; por todos aquelles que nos ensinaram a balbuciar as primeiras palavras, e nos guiaram os primeiros passos no caminho da vida. Para achar deleite em vaguear fóra do nosso ninho paterno é

(\*) Actualmente (1843) brigadeiro C. S.

preciso haver passado a idade das esperanças; é preciso ter já calcado aos pés, inteiramente sugado, o pomo das illusões, e assistir ao drama da existência, não como actor possuído do seu papel, mas como espectador indifferente, que sabe ser esse drama um embuste algumas vezes attractivo, mas sem sabor as mais dellas; — é preciso ser homem; e eu não tinha então vinte annos. Por isso este errar entre estranhos teria para mim demasiado tedio e tristeza, quando se lhe não ajuntassem outras maguas e privações de muitos generos.

O desterro é uma das mais profundas miserias humanas: mas a pobreza no desterrado é o tormento mais intoleravel do espirito, porque é um composto monstruoso de saudade, de humilhação, de abandono, de desesperança, que vos lembra cada dia, cada hora, cada instante, a vossa situação desgraçada; que vos recorda sem cessar que sois uma especie de Ashavero, de judeu errante, que a maldição de Deus guia, em meio do desprezo dos homens, dos vituperios, dos trabalhos, por uma perigrinação sem termo, e sem horisonte. Tendes de experimentar a affronta e callar, os máus tratos e soffrer, a fome, e a nudez e não ousar pedir uma esmola, porque o pobre estrangeiro é um ente medio entre o homem e o animal, a sua linguagem inintelligivel e ridicula, a sua dôr e sentimento quasi um impossivel, o nome do seu paiz a fabula e escarneo das gentes, sobre tudo se este paiz é fraco, limitado e obscuro. Então vem o comparar tudo isto com os commodos e gasalhado do lar domestico, com o amor e amisade que vos cercavam de suavidade o viver de outro tempo, e a comparação vos converte em fel e lagrymas o sangue mais puro das veias. Tombastes de pedra em pedra no fundo de um abysmo: lá acharam os vossos membros pisados e feridos um leito de çarças; e d'ahi medis de continuo a altura da queda, porque vos luz lá em cima o céu da patria, e a saudade vos conta palmo a palmo a distancia que vai do despenhado a essa imagem querida.

Que todos aquelles que nunca sahiram de sob o tecto da sua infancia; que nunca buscaram de balde o sol esplendido do occidente para o saudar na manhã de primavera; que nos remansos do seu rio natal não imaginam o enovelar-se e bramir das vagas do oceano; que nunca viram o céu chato do norte pesar sobre a campina, estendida como um cadaver, e cuberta do seu sudario de neve; que esses alguma vez se recordem e compadeçam do pobre foragido, a quem as intolerancias insensatas e ferinas de paixões politicas arremessaram para estranhas regiões. Seja qual fôr a vossa crença, a vossa parcialidade, doei-vos delle porque as doutrinas podem ser erros; mas não são crimes. E demais quem vos diz que essa opinião, que vos parece verdadeira, e santa, vos não parecerá com o tempo absurda e má, se de sincero coração a seguís?

Engolfado nestas idéas, postoque bem desperto, conservava-me callado no meio dos meus companheiros, que dormiam placidamente ao murmurar da água no costado do chasse-marée, que rompia pelas vagas agitadas. De vez em quando os mastros rangiam com os turbilhões de vento, e sentia-se um golpe soturno e embaçado sobre a tolda. Era alguma onda que salvava por cima do baixel, como a que viera acalmar a colera do esgrouviado Mr. Graham. Depois ouvia-se a voz do arraes, que proferia algumas palavras inintelligiveis: depois outra vez só o silvar da procella.

O major C. revolvia-se entretanto perto de mim, ao que parecia grandemente inquieto. A persuasão talvez de que ninguem o escutava, e a intensidade da dôr lhe arrancaram, emfim, um gemido. A sua energia moral succumbira. O veterano, depois de largo combate de muitas horas, declarou-se vencido.

Fallei-lhe em voz baixa: na tristeza da noite o padecimento physico parece achar consolo no som da voz humana. Era o unico soccorro que na situação em que nos achavamos lhe podia ministrar.

A nossa conversação durou por algum tempo: nesta conversação havia para mim o refrigerio do espirito, porque nos recordavamos da patria; elle buscava assim um allivio para dous generos de angustias, as do espirito e as do corpo. Era mais infeliz do que eu!

Por este modo passou grande parte da noite. A tempestade crescia progressivamente, e o balanço do chasse-marée era já intoleravel. Começámos então a ouvir por cima das cabeças os passos apressados dos marinheiros, e um som estranho como de mar quebrando ao longe em agra penedia. Este som, semelhante ao disparar de artilharia por sota-vento, approximava-se gradualmente.

D'ahi a pouco percebemos correr rapidamente a amarra pelos escouvens. Era incrível que tivéssemos chegado tão depressa ao termo da nossa viagem. As seguintes palavras de mestre João, precedidas de uma praga, não nos deram vagar de fazer sobre isso largas conjecturas:

« *Ventre-Saint-Grís* . . . a amarra . . . vamos a pique! » (\*)

Foi o que podémos perceber. E era sobejo.

O major C. ficou immovel. Quanto a mim o primeiro pensamento que me scintillou no espirito foi o de despertar os nossos companheiros. Mas porque não haviam de morrer tranquillos? Deixei-os.

O brado do arraes fôra seguido de um momento de tremendo silencio: depois senti que o chasse-marée fazia um singular movimento, como gulgando pelo dorso de enorme vaga; apoz isto pareceu-me que subitamente parára, e ouvi de novo fallar na tolda. Era a voz de Mr. Graham, o poeta agoureiro e esguio.

Este momento de incerteza foi horrivel. Então conheci bem a verdade de uma phrase de Milton « *a escuridão visivel* ; » Nas trevas profundissimas em que estava via o reluzir do mar ao redor da vela branca em que jaziamos; e os olhos da minha imaginação enxergavam atravez da agua os rochedos de sorvedouros submarinhos, onde os nossos cadaveres deviam dentro em pouco achar uma sepultura desconhecida.

Não sei o como, mas a verdade é que no meio do terror de morte afflictiva e demorada, me veio á cabeça uma idéa ridiculamente consoladora. Foi esta a imagem de Mr. Graham sumindo-se nas goel-las de um tubarão com a sua fabrica inteira de versos, e a meia fabrica de Leeds, que trazia distribuida pelos seus quatro casacões incommensuraveis.

Passou um minuto: passaram dous: passou terceiro; e a nossa vela enxuta, e o baixel perfeitamente tranquillo. A morte, se tinha de vir, era tão lenta e derreada como a melopéa da declamação ingleza.

Porventura havíamos encalhado n'algum banco d'areia, porque o chasse-marée evidentemente não abríra; aliás o mar devia ter-nos já sorvido.

(\*) Textual.

Lembrei-me de subir á tolda. Mas como? O lugar em que nos achavamos representava uma verdadeira masmorra de castello-feudal: o escotilhão por onde desceramos era mais alto que um homem; além disso o estrado da boca tinha sido abi collocado como a campá sobre um tumulo, e em cima do estrado sentiramos lançar uma lona breada para impedir a invasão das ondas que galgavam pelo tombadilho.

Esperei pois que amanhecesse, e que então obtivessemos a luz, e a liberdade, da munificencia de Micer Jean Legris. Entretanto o major parecia mais tranquillo: a quietação do chasseur-marée, e a somnolencia da ante-manhaã eram apparentemente a causa disto.

A alvorada assomou emfim no oriente: alevantou-se o estrado, e a luz branda do romper do dia veio allumiar o nosso calabouço marinho com uma claridade frouxa e suave. Não esperára de balde em mestre João: o *seekoenig* concedia-nos o favor de aspirarmos um ambiente puro e livre.

Subi á tolda. O sol surgia como um grande orbe vermelho fluctuando sobre as ondas levemente crespas. No sudoeste uma nuvem negra e ampla parecia firmar-se em pé no horisonte, prolongando os cimos dentados pelas alturas do céu: era a procella que fugia varrida pelo nordeste. A superficie enrugada do oceano tinha não sei que, semelhante a um gesto humano que sorri. Eu contemplava uma dessas raras alvoradas do navegante, em que no aspecto do mar se lê o nome de Deus, e no sussurrar da brisa se escuta o hymno da criação.

Onde estavamos nós? No recife de um ilheu, visinho das costas de Normandia, cujo nome se me varreu da memoria. A caldeira em que nos achavamos teria tres vezes o comprimento do chasseur-marée e ainda menor largura. Olhei para a entrada, e os cabellos se me eriçaram ao vê-la. Custava a perceber como o nosso baixel a atravessára sem se fazer em pedaços: era um labyrintho de rochedos agudos quasi indelineavel.

Mestre João Legris, não sei por qual rasão nautica, pertendêra fundear junto aos penedos que defendem a boca daquella abra, até que chegasse a manhaã. Ao lançar ancora a amarra se partira roçando pelas rochas. Este successo desastrado arrancára da boca do arraes a energica exclamação, que tão terrivel fóra ferir-me os ouvidos no meio das minbas dolorosas cogitações. Felizmente uma vaga monstruosa erguendo o chasseur-marée sobre o dorso o arrojou por entre os parceis, — talvez por cima delles — e nos salvou da morte, que aliás seria inevitavel.

A sahida do recife deu mais trabalho aos nossos marinheiros do que lhe dera a entrada. O sol ia já mui alto quando abrimos todas as vellas ao vento. Este era de feição; e dentro em poucas horas aportámos a Granville.

(A. Herculano.)

## Silvicultura.

### II.

PARA sermos entendidos de toda a especie de leitores cumpre antes de entrar em materia dar aqui algumas noções em frase corrente e portugueza, af-

fastando-nos quanto possivel fór da nomenclatura classica e scientifica.

Todos os vegetaes considerados no ponto de vista florestal se podem arranjar em tres classes: plantas d'hervagem ou *hervas*, plantas de *matto*, e plantas d'*arvoredo*. Nós tratámos, principalmente, aqui da 3.<sup>a</sup> classe.

*Arvoredo* dizemos nós dos vegetaes, cujos troncos robustos são consideraveis em dureza e tamanho. Estes vegetaes dividem-se em *arvores* e *arbustos*.

*Florestas* chamámos ás arvores e arbustos silvestres e bravios, ou sejam de folha ordinaria espalmada, ou de folha ponteaguda e estreita, a que chamam agulha. *Arvores* são as que tem um tronco simples ou tige alta, mais ou menos ramosa, d'onde brotam olhos, botões e lançamentos. *Arbustos*, propriamente taes, não tem tronco ou tige simples, como as arvores, porem muitas vergontes ou varas sahidadas d'uma só raiz: sua grandeza e grossura raras vezes chega á das arvores pequenas. Duram mais que o matto, e morrem mais cedo que as arvores.

Ordinariamente chama-se *alamedas* ás filas d'arvores silvestres, simples ou dobradas, dispostas em linha, e que os francezes denominam *allée*; e *matto* os arvoredos compostos d'arvores, arbustos, e de matto mesmo, que foi originariamente o que lhe deu o nome. Nós conservaremos esta nomenclatura vulgar e nacional, com significação perceptivel de todos.

Os proveitos e utilidades das mattas e arvoredos são muitos e diversos, e bem se conhecem pelos seus contrarios. A diminuição das mattas e arvoredos tira a humidade necessaria ao terreno, e torna o solo arido e nú. Diminuidos os orvalhos e chuveciros, diminuem tambem as nascentes das fontes e dos rios: o soão abrazador e o sêcco nordeste do estio varre sem defeza os campos e os esterilisa. A electricidade felizmente entretida, e derramada pelos differentes conductores das arvores, se condensa, e faz de tempos a tempos saltos e explosões ou funestas ou ruinosas nos locaes escalvados. As febres malignas e intermitentes, que dizimam todos os annos a população de logares pantanosos, procedem da falta de bosques e arvoredos, os quaes absorvendo o carbonico, e expellindo o oxigenio, purificam o ar. Do entretenimento das mattas e arvoredos em logares que não servem á cultura resulta, além daquellas vantagens de salubridade, — a caça, que augmenta os productos do consumo; — os estrumes pelos depositos das folhas, da limpeza dos ramos, e das ervas e mattos, que abi se criam espontaneamente; — a filtração das aguas e enxoradas que passando atravez dos arvoredos e balsas nas encostas e assomadas, trazem consigo particulas nutrientes que fecundam os valles e os campos cultivaveis. As vantagens politicas não são menores do que as naturaes e ruraes. O estado adquirirá novas riquezas no plantio dos bosques e arvoredos, que, passados sete annos, começam a produzir rendimento util, crescendo sempre na proporção progressiva dos tempos. Os arsenaes e estaleiros terão sortimento de madeiras; — as fabricas e laboração das minas, a navegação interior e outros estabelecimentos terão madeiras de construcção e lenhas para combustivel. Um dos nossos mais doutos naturalistas (\*) disse: — «Se os canaes de réga e navegação aviventam o commercio e lavoura, não pôde have-los sem rios; não pôde haver rios sem

(\*) O Dr. João Bonifacio d'Andrade n'uma de suas memorias academicas.

«fontes; não ha fontes sem chuvas e orvalhos; não ha chuvas e orvalhos sem arvoredos.» — O mesmo naturalista calculou em 30 libras d'agua a humidade que distilla uma arvore de dez annos, e conclue que um chão desabrigado de 3½ pés quadrados perde diariamente 30 onças d'agua. De que utilidade, de que necessidade não é então cobrir d'arvoredos essas campinas ardentes do Alemtéjo e da Estremadura, e os areaes e charneças que avisinham nossa costa!

*Da sementeira e plantio das arvores silvestres.*

Seis requisitos é preciso ter em vista na sementeira silvestre. — 1.º as especies d'arvores; 2.º a bondade da semente; 3.º a quantidade da mesma; 4.º a escolha e preparação do terreno; 5.º o tempo e sãção propria; 6.º a sementeira.

Quanto ao 1.º — A escolha das arvores e arbustos deve ser adaptada ás circumstancias da localidade e do paiz; devem preferir-se as mais uteis e de maior interesse ao consumo.

Quanto ao 2.º — A bondade da semente depende de estar bem formada, saã e haver chegado ao grãu de perfeita maturação; deve ser apanhada sãca, e bem guardada em sitio enxuto, quando se não lança logo á terra.

Quanto ao 3.º — A quantidade da semente deve ser proporcionada á força e bondade do terreno, e á natureza das arvores ou arbustos; porque alguns exigem estar bastos para se apoiarem uns aos outros, e outros raros e compassados.

Quanto ao 4.º — Da escolha e preparação do terreno depende sobremaneira o bom exito da sementeira; aliás é caminhar ás cegas. Se o terreno é solto e leve basta um lavor com araveça; se é mais forte e compacto, porem livre de pedras, de raigotas ou raizes, deve ser lavrado fundo ao arado; mas se pelo contrario é empedrado, forçoso será surriballo.

Quanto ao 5.º — O tempo proprio da sementeira é quando as sementes formadas e amadurecidas cáem per si mesmas, porque então grelam promptamente. Isto porem não póde ter logar senão nas pequenas sementeiras: em todo o caso convem que a semente seja nova.

Quanto ao 6.º — A semente não deve ficar enterada muito funda, nem tão alta que se seque ou esterilise na superficie. Cumpre nesta parte imitar a natureza, que ordinariamente a faz germinar e brotar coberta apenas de apodrecida folhagem: Nos sitios porem descobertos, desabrigados, e maiormente sendo as sementes alãdas ou membranaceas, que as leva o vento, ou leves e miudas, cumpre cubrilas de terra ou areia de meia polegada d'espessura.

Isto pelo que pertence aos principios geraes, que regulam sempre: as regras e preceitos particulares, relativos a cada um dos seis indicados requisitos, expendemos em artigos especiaes.

*J. da C. N. C.*

**D'ELREI D. JOÃO 2.º E DO CARDEAL D'ALPEDRINHA.**

EM historia assim como na conversação, e no demais tracto da vida social ha certas phrases que fazem fortuna; agradam e seduzem pela graça e espirito conceituoso com que são arrançadas; e o vulgar, naturalmente leviano ou indolente, se compraz em repeti-las, e sem indagar nem examinar suas provas, atira-as como axiomas, explica por ellas os acontecimentos a que as mesmas se referem; e com

este modo de proceder e d'ajuizar se vai muitas vezes transtornando e desfigurando a verdade historica. Poderiamos apontar muitos exemplos deste máu resultado; por agora attendam os leitores ao seguinte:

É muito conhecida na historia de nossos reis aquella conversa que se diz tiveram nas praias da Junqueira ou de Belem o principe D. João [depois rei 2.º deste nome] com o duque de Bragança, D. Fernando, e o arcebispo de Lisboa, D. Jorge da Costa, mais nomeado com o titulo de cardeal d'Alpedrinha. Foi o caso, que havendo elrei D. Affonso 5.º colhido na cõrte de França o desengano de que nenhum soberano póde confiar demasiado no auxilio dos estranhos para o arranjo e melhoramento de seus negocios; obrigado pela força e politica machiavelica de Luiz 11.º a voltar ao reino e á corõa, de cujos pungentes espinhos havia resolvido fugir; chegando na frota franceza, que o conduzia, á enseada de Cascaes, mandou adiante um mensageiro prevenir o principe seu filho daquella estranha novidade. Este, que nada menos esperava do que a volta de seu pai, que por sua ordem, e de suas instancias havia tomado o sceptro por formal abdição daquella, ficou confuso e embaraçado, e perguntou aos dois: — como é que hei-de receber meu pai, que está chegando? — O cardeal, mais precavido e astuto, calou, postoque nisso mesmo se declarava assaz; mas o duque, vivo e prompto, respondeu — como recebê-lo, principe? Como vosso pai e como vosso rei. — Seguidamente o principe sem contestar pegou d'uns seixinhos daquelles que costuma haver nas praias, e começou a joga-los disfarçando o negocio, e atirando-os pela tona d'agua os fazia ir saltando e fazendo pulos. O cardeal, percebendo com isto que o conselho fóra recebido de má mente, disse para o duque, mansinho: — aquella pedra me não hade dar na cabeça; — e passados dias, aforrado largou o reino e se foi a Roma, donde não voltou mais. Até aqui é a relação commum e popular, que pouco importa seja falsa ou verdadeira em si mesma. O caso porem é que della se tira uma illação injusta e depressora do grande character do soberano a quem a historia chamou principe perfeito. Tem passado, como cousa sem replica, que deste fraquissimo principio, deste supposto conselho, que aliás faria muita honra aos seus auctores, que de nenhuma sorte era obrigatorio, e que devia merecer louvor e estimação, mesmo d'um homem tão atilado e tão bom apreciador das acções briosas; deste successo, diremos, deduzem a má vontade que D. João 2.º mostrou sempre ao cardeal, e que mais tarde levára o duque ao cadafalso em Evora, postoque acompanhada ou mascarada com a resistencia ás correições da corõa em suas terras. Ora isto não é assim: a desgraça destas duas personagens teve principios mais altos, e é Fernão Lopes, o mais antigo, o mais sãdo, e o mais veridico de nossos chronistas, quem os indica; e foram estes: quando o malaventurado rei de Castella, Henrique 4.º, se lembrou de prover á successão da corõa, offereceu a Portugal o seguinte convenio: casar o proprio rei D. Affonso 5.º com a infanta D. Isabel sua irmã, jurada já naquella cõrte princeza habil para succeder; e o principe D. João com sua filha unica e herdeira, a princeza D. Joanna, chamada depois a excellente senhora. Deste modo ficava a successão da dynastia portugueza á corõa de Castella segura pelos dois lados. A princeza Isabel e seu partido ficariam li-

songeados de a verem rainha de tantas corôas, e assegurada a preponderancia e valimento dos grandes d'Hespanha, que por seus particulares interesses lançavam sombras ignominiosas sobre a legitimidade da filha do rei; e esta, sendo casada com o herdeiro unico e legitimo de Portugal, empunharia o sceptro bem depressa, salvos assim os principios das leis de successão em ambas as corôas; cessavam os escandalos, e se punha um freio ás ambições, parcialidades e maledicencias. Esta alliança, estas disposições aggradavam muito ao principe, como é natural; mas achou poderosos contradictores no cardeal e no duque que a desaprovavam, expondo ao bondoso e indeciso Affonso 5.<sup>o</sup> que seria isto metter-se e ao reino em camisa de onze varas; que seria empenhar n'uma guerra terrivel sem apparencia de bom successo, porque nem a princeza Isabel era de molde a renunciar ao throno d'Hespanha que lhe promettia seu grande e formidavel partido, nem os grandes d'Hespanha, féros e orgulhosos, soffriam jámais soberano estrangeiro, tanto mais quanto Fernando, rei de Aragão, queria o bólo para si, e aticava os dissidentes. D. Affonso resignou-se; e todos sabem qual foi o deploravel resultado da sua politica: e D. João 2.<sup>o</sup>, que era a alma da politica contrária, sempre depois lançou na cara dos dois as consequencias do ruim conselho. Isto quanto á má vontade, porque quanto á justiça, boas rasões lhe não faltaram.

J. da C. N. C.

## Botanica.

### SOBRE A CAPRIFICAÇÃO DOS FIGOS (\*).

A CAPRIFICAÇÃO é conhecida, e praticada no Algarve talvez ha muitos seculos, e desde o nosso antigo commercio com os carthaginezes; pois que este modo de fertilisação artificial é antiquissimo n'Africa, Grecia, e em todo o Levante. Della faz menção Aristoteles e seu discipulo Theophrasto, Plinio e muitos outros auctores antigos, gregos e romanos: entre os modernos Tournefort, Pontedera, Linneo e Bernard de Marselha são os que mais se occuparam de a indagar; isso não obstante, ainda restam algumas observações que fazer, para perfeitamente a illuminar na sua causa e effeitos.

Consistia antigamente, 1.<sup>o</sup> em plantar figueiras bravas defronte dos figueiraes cultivados da banda donde o vento soprava mais ordinariamente nos fins da primavera, para que certos mosquitos, que então costumam sahir dos figos bravos, fossem mais facilmente pela direcção do vento conduzidos aos figos das figueiras domesticas, nellas entrassem, e os impedissem de cahir, accelerando ao mesmo tempo a sua tumida e doce madureza: os gregos chamavam a esta casta de figueira brava *erinos*, os romanos *caprificus*, e os portuguezes lhe dão o nome de *baforeira* ou *figueira de tocar*. 2.<sup>o</sup> Consistia em pendurar ramos ou enfiadas de figos bravos nas figueiras domesticas para o mencionado fim. Esta segunda pratica está ainda hoje em uso nos mesmos paizes, em que antigamente se usava, e lhe chamam *caprificação*. No Algarve enfiam em tiras de folhas

(\*) Estas notas, escriptas pelo nosso insigne naturalista, Felix d'Avellar Brotero, foram impressas na traducção, pouco conhecida, da obra de Blanchard, pelo beneficiado M. J. da Costa, tom. 2.<sup>o</sup>

de palmeiras os figos da figueira de tocar, e penduram estas enfiadas nos ramos de algumas figueiras domesticas, ou de certas variedades serodeas, cujos figos, ainda que de boa casta, cahem comtudo sem amadurecer, se não são caprificados.

O insecto, que contribue para a caprificação, foi antigamente conhecido dos gregos, com o nome de *psen*, e os entomologicos modernos lhe chamam *cynips psenes*: é do comprimento de um grão de salsa com pouca differença, e todo negro; as suas antenas são quasi do comprimento do seu corpo, e compostas de doze nós ou articulações; tem quatro azas membranosas sem malhas, e as de cima maiores: o individuo feminino tem de mais disso na extremidade do ventre um ferrão escondido entre duas laminas. Este insecto, ou mosquito, dizem que gosta mais dos figos bravos do que dos mansos ou domesticos: nelles põem seus ovos, e as suas larvas nelles se criam até delles sahirem transformadas em mosquitos; pois não é destes figos podres que se geram, como os antigos philosophos gregos e romanos pensavam, porque a podridão destroe, desorganisa, e não póde gerar ente algum organico, os quaes todos nascem de ovos, ou germes formados pelos pais da sua especie, segundo as luzes da philosophia moderna. Quando os mosquitos não acham figos bravos, introduzem-se nos mansos ou domesticos, que acham logo visinhos, e mesmo na falta de uns e outros, dizem que se introduzem nas sementes tenrinhas dos flosculos da cangarinha (*scolymus hispanicus*) e de algumas outras plantas. No Archipelago estes insectos dão-se nas baforeiras, que produzem tres castas ou camadas de figos successivamente no mesmo anno; em maio, agosto, e fim de setembro; não são bons para comer, mas só para caprificar, porque em todos se dão mosquitos; os da camada de maio comtudo, chamados *ornos*, são os que empregam os gregos para a caprificação em junho e julho: os flosculos em todos elles provavelmente são monoicos; nos da camada de setembro os ovos dos insectos ficam depositados até a primavera do anno seguinte, em que as suas larvas sahem dos ovos, nutrem-se das milharas do figo, e transformados sahem a introduzir-se em outros figos. Em todos os figos das figueiras bravas até agora observados em Portugal se tem achado sempre flosculos dos dois sexos, e mesmo entre elles alguns hermaphroditos; as baforeiras do Algarve são analogas ás que dão os figos lampos.

Os mosquitos, que sahem dos figos bravos pendurados nas figueiras mansas, tem immediatamente cópula entre si; depois disto as femeas cuidam logo de pôr e aninhar os seus ovos de tal maneira, que a sua prole ache no proprio ninho o seu conveniente alimento, sem mais trabalho algum materno; rompem pouco a pouco o olho dos figos verdes domesticos, penetram no seu interior, picam as milharas com o seu ferrão, e em cada um destes grãos põem um ovo: neste ovo, com o calor competente, desenvolve-se uma larva, ou lagartinha minima, cujo corpo é composto de doze anneis, branco e sem pés; nutre-se do miolo das milharas, sem comtudo evacuar excremento algum, até se transformar em nympha e perfeito mosquito; rompe então a casca da milhara, e sabe della e do figo, vóa, e cuida em propagar a sua prole especifica do mesmo modo que seus pais lhe deram a sua existencia individual. Um mez basta para que as larvas cheguem á sua ultima metamorphose.

(Continuar-se-ha).